



# Atuação de Empresas Júniores Fluminenses na Tríade Universitária

**Mariene Alves do Vale**  
**marieneavale@gmail.com**  
**UFSC**

**Antônio Rodrigues de Andrade**  
**antonio.andrade@unirio.br**  
**UNIRIO**

**Ana Clara Cândido**  
**ana.candido@ufsc.br**  
**UFSC**

**Resumo:** O artigo apresenta um estudo realizado com empresas júniores que teve como objetivo conhecer as ações empreendidas em relação à tríade universitária – ensino, pesquisa e extensão. A indissociabilidade desses três pilares deve ser vivenciada pelas universidades. A empresa júnior, inserida nesse contexto e usufruindo dos benefícios de estar sediada em uma instituição de ensino superior, deve também atuar na produção, na transmissão e na aplicação de conhecimento, para além da prestação de serviços ao mercado. A pesquisa quali-quantitativa foi efetuada através de um levantamento de campo, que contou com a participação de empresas júniores fluminenses federadas à RioJunior (Federação das Empresas Júniores do Estado do Rio de Janeiro). Observou-se que várias empresas júniores realizam diversas atividades nos três âmbitos. Contudo, há uma nítida diferença entre o envolvimento com o ensino e a carência de ações referentes à extensão e, principalmente, à pesquisa. Em algumas universidades, a própria empresa júnior é considerada um projeto de extensão, o que pode fazer com que os empresários júniores não proponham ações adicionais para serem realizadas com a comunidade. Devido ao perfil empreendedor e o desejo de atuarem no mercado, muitos empresários júniores não se dedicam às atividades de pesquisa por associarem-na exclusivamente com a carreira acadêmica. Apesar das ações realizadas nos três pilares da tríade, as empresas júniores podem contribuir ainda mais, não apenas para a formação e o desenvolvimento de seus próprios integrantes como também para a transformação e o progresso da comunidade, acadêmica e externa, na qual está inserida.

**Palavras Chave:** Empresa Júnior - Universidade - Ensino - Pesquisa - Extensão



## 1. INTRODUÇÃO

A empresa júnior (EJ) é uma associação civil sem fins lucrativos, constituída e gerida exclusivamente por estudantes de graduação. Sua principal finalidade é proporcionar um espaço aos discentes para a aplicação dos conhecimentos adquiridos, a fim de desenvolverem habilidades para o futuro exercício da profissão.

Os empresários juniores se desenvolvem tanto em suas áreas de formação quanto em atividades de gestão, por serem os responsáveis pelas estratégias da EJ e a tomada de decisão. Ela se caracteriza, assim, como uma ponte entre o curso superior e a carreira profissional, entre a universidade e o mercado de trabalho.

Historicamente, as EJs surgiram para promover a capacitação profissional dos estudantes e oferecer ao mercado serviços de qualidade com valores acessíveis. A primeira EJ foi fundada em 1967 na *École Supérieure des Sciences Économiques et Commerciales*, em Paris, a partir da estrutura administrativa idealizada pelo estudante Bernard Caioso (SANGALETTI; CARVALHO, 2004).

Novas EJs foram constituídas, tanto na França quanto em outros países, e formaram uma rede para se apoiarem mutuamente e representarem o Movimento Empresa Júnior (MEJ) na Europa, nascendo então a *Junior Association for Development in Europe* (JADE). Atualmente denominada *European Confederation of Junior Enterprises*, a JADE reúne 300 empresas juniores, de 14 países europeus, totalizando 26 mil estudantes universitários (JADE, 2018) que têm a oportunidade de atuarem como empresários juniores.

Ao longo dos anos o MEJ se difundiu e ultrapassou fronteiras continentais, chegando ao Brasil no final da década de 1980 por meio do incentivo da Câmara de Comércio Franco-Brasileira à abertura de EJs (SANGALETTI; CARVALHO, 2004). Então, surgiram as primeiras empresas juniores no estado de São Paulo e, posteriormente, em outros estados brasileiros.

Diferentemente da configuração europeia, em que as empresas juniores se instalavam em edifícios comerciais e arcavam com custos, por exemplo, de aluguel, mobiliário e telefone, as EJs brasileiras se estabeleceram vinculadas às instituições de ensino superior na qual se originaram, pois “no caso brasileiro, encargos iniciais dessa magnitude inviabilizariam qualquer tentativa de iniciar os trabalhos” (MATOS, 1997, p. 79).

Além disso, enquanto as empresas juniores europeias tiveram que desenvolver metodologias próprias e conquistar gradativamente a credibilidade exigida pelo mercado, no Brasil elas contaram com o suporte de professores orientadores no desenvolvimento dos projetos. Segundo Matos (1997, p. 79), “dessa forma a Empresa Júnior suplantaria algumas fases necessárias para seu amadurecimento, mas por outro lado se tornaria mais dependente da instituição de ensino”.

Algumas contribuições de empresas juniores para o ensino universitário foram apresentadas em estudo recente de Vale, Cândido e Andrade (2017). Não obstante, tendo em vista a relação tão próxima das EJs brasileiras com as instituições de ensino superior em que estão sediadas, a presente investigação foi além do contexto do ensino. Buscou-se compreender como as EJs estão inseridas no ambiente universitário como um todo, explorando quais práticas elas realizam em relação à tríade universitária – ensino, pesquisa e extensão.

## 2. A TRÍADE UNIVERSITÁRIA E A EMPRESA JÚNIOR

As universidades no Brasil são uma conquista relativamente recente, tendo em vista que no período colonial vários projetos foram apresentados, principalmente pelos jesuítas, então



responsáveis pelo ensino na Colônia, mas nenhum obteve o êxito de ser efetivado (FÁVERO, 1977). Nesse período, aqueles que desejavam e tinham condições financeiras continuavam seus estudos na Universidade de Coimbra, em Portugal, ou em outras instituições europeias.

As primeiras instituições nacionais de ensino superior surgiram no início do século XIX, com a mudança da corte portuguesa para o Brasil. Tendo como referência o sistema adotado em Portugal, inspirado no modelo napoleônico vigente na França, as instituições possuíam caráter predominantemente tecnicista (MAZZILLI, 2011), cujo objetivo era capacitar os alunos para o exercício de uma profissão específica, sendo os primeiros cursos dedicados ao direito, à medicina e às engenharias.

De acordo com Fávero (1980), as primeiras instituições denominadas universidades foram a Universidade de Manaus e a Universidade do Paraná, que surgiram, respectivamente, em 1909 e 1912. Suas existências foram breves e, por isso, a maioria dos autores considera que a pioneira foi a Universidade do Rio de Janeiro, fundada em 1920 por força de decreto do Governo, sendo seguida, em 1927, pela Universidade de Minas Gerais.

Porém, essas primeiras universidades não tinham o propósito de produzir ciência ou de atuar sobre a realidade social, pois suas preocupações eram apenas da ordem financeira e material. Desse modo, elas eram seletivas e atendiam somente aos interesses das classes dominantes.

Essa configuração passou a ser questionada e os educadores começaram a se mobilizar para transformar o modelo então vigente. Em 1932 foi publicado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que propunha que as universidades atuassem em três frentes, assumindo as funções “de elaboração e de transmissão do conhecimento, e o desenvolvimento de ação social, sob a forma de vulgarização da ciência” (MAZZILLI, 2011, p. 210).

Algumas alterações ocorreram, por exemplo, com a fundação da Universidade de Brasília em 1962, baseada em princípios de democracia interna e autonomia. Entretanto, o caráter excludente permanecia, pois a formação continuava destinada às elites.

A mudança de paradigma começou a ser construída na década de 1960, a partir da mobilização dos estudantes universitários da União Nacional dos Estudantes (MAZZILLI, 2011), que problematizavam questões como “a quem a universidade se destina” e “para que a universidade serve”. Todavia, durante o período da ditadura militar as manifestações estudantis foram silenciadas e somente na década de 1980 o debate foi reaceso.

Com a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte para a elaboração da nova Constituição, entidades representativas se organizaram para elaborar emendas populares, que eram encaminhadas às comissões que compunham a Assembleia.

No âmbito da educação foi formado o Fórum da Educação na Constituinte, que elaborou um texto contemplando aspectos defendidos pela Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior, como o ensino público e gratuito e a democratização e a autonomia das universidades. Além disso, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão era um princípio

[...] apontado como referência do padrão de qualidade acadêmica para as instituições de ensino superior do país, que se baseia na negação das desigualdades sociais [...], expressando assim o papel social da universidade na construção de uma sociedade democrática e igualitária (MAZZILLI, 2011, p. 214).

A proposta foi incorporada na Constituição Federal, que determina no Artigo 207 que “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988).



A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, por sua vez, estabelece no Artigo 52 que “As universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano” (SENADO FEDERAL, 2017, p. 37).

Essas determinações em dispositivos legais refletem uma conquista histórica e demonstram a importância dos três âmbitos para o desenvolvimento das atividades universitárias e, conseqüentemente, para o impacto que será gerado no meio social. Isso porque as instituições de ensino superior passaram a ter a missão de transformar a sociedade, o que acontece através da produção, da aplicação e da disseminação do conhecimento, ou seja, das ações empreendidas em cada um dos pilares da tríade universitária.

Compreendida a função social da universidade [...], a formação de profissionais para o mercado de trabalho deixa de ser a razão de ser da universidade para transformar-se em consequência: através da formação do estudante como cidadão conhecedor da realidade social, da cultura e dos problemas existentes, comprometido com a busca de soluções para sua superação e, aí sim, capacitado para fazê-lo através do seu trabalho (MAZZILLI, 2011, p. 219).

A necessidade da interação entre ensino, pesquisa e extensão também se justifica diante da relação da universidade com o mercado. Por um lado, pelo hiato ainda existente entre os setores universitário e produtivo (BERNHEIM; CHAUI, 2008), por outro lado, pelas exigências que têm sido impostas aos profissionais e que nem sempre são exploradas durante o período em que ainda estão se formando no ensino superior.

Enquanto nas décadas passadas o conhecimento técnico era suficiente e a maioria das atividades era de natureza operacional, atualmente vive-se em uma economia do conhecimento. Nesta conjuntura é preciso deter não somente os saberes conceituais e prescritivos, como também as mais diversas habilidades pessoais e interpessoais.

De acordo com o Relatório da Conferência Mundial sobre Ensino Superior, realizada ao final do século passado,

Às vésperas de um novo século, há uma demanda sem precedentes e uma grande diversificação no ensino superior, assim como maior consciência de sua vital importância tanto para o desenvolvimento sociocultural e econômico quanto para a construção do futuro, no qual as novas gerações precisarão estar providas com novas habilidades, conhecimento e ideais. (UNESCO, 1998, p. 19, tradução nossa).

Ao oferecer, além do ensino, atividades de pesquisa e extensão, a universidade proporciona um número maior de oportunidades para que os estudantes desenvolvam e aperfeiçoem as mais variadas habilidades.

A empresa júnior pode, então, ser considerada uma dessas oportunidades, pois apesar de surgir da iniciativa dos próprios estudantes, é necessário o consentimento da instituição de ensino superior para que a empresa funcione regularmente dentro de suas instalações.

A vivência em uma EJ possibilita a aplicação dos conhecimentos teóricos obtidos em sala de aula e o desenvolvimento de diversas habilidades, que teriam poucas chances de serem trabalhadas em outros ambientes acadêmicos e ainda no período da graduação.

Tendo como finalidade “promover o desenvolvimento de seus membros e envolvidos, seja no aspecto técnico, acadêmico, profissional e/ou pessoal” (JUNKES; ROSAURO; BENKO, 2004, p. 31), a empresa júnior proporciona aos seus integrantes experiências de gerenciamento de projetos, gestão de equipes, liderança, negociação, tomada de decisão, dentre tantas outras.



Devido à interação com a comunidade, por meio da prestação de serviços, principalmente, para pequenas e médias empresas, há universidades que consideram a própria empresa júnior como um projeto de extensão. Afinal, a extensão é um processo interdisciplinar que promove a integração entre a instituição de ensino e o ambiente externo, a fim de que os conhecimentos produzidos e transmitidos na esfera acadêmica sejam aplicados e compartilhados. Além disso, os discentes enriquecem seus saberes no contato direto com a comunidade, neste caso, com os clientes e parceiros envolvidos nos projetos.

Desse modo, as EJs se beneficiam não apenas por usufruírem da infraestrutura, como também pelas oportunidades e vantagens provenientes da relação com a instituição de ensino superior. Por isso, acredita-se que as empresas juniores, além de serem espaços de capacitação para os estudantes por meio da prestação de serviços para o mercado, igualmente devem contribuir para as atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária.

### **3. METODOLOGIA**

Pesquisadores brasileiros têm investigado a atuação e as contribuições das empresas juniores no cenário nacional (CARVALHO, 2003; LAUTENSCHLAGER, 2009; LEWINSKI, et al., 2009; MARQUES, 2012; DIAS, 2016). Todavia, os estudos anteriores majoritariamente se restringiram à formação dos estudantes e ao desenvolvimento de competências para o mercado de trabalho.

Adotando uma perspectiva mais ampla, a presente investigação buscou conhecer as práticas executadas pelas EJs em relação ao ensino, à pesquisa e à extensão universitária. Para isso, foi delineada uma pesquisa exploratória e descritiva, visto que “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27), enquanto as investigações descritivas são aquelas que, “juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática” (GIL, 2008, p. 28).

A fim de melhor explorar os dados, optou-se por uma abordagem mista concomitante, visto que “os dados qualitativos podem ser usados para descrever um aspecto de um estudo quantitativo que não pode ser quantificado” (CRESWELL, 2007, p. 220).

A pesquisa teve como procedimento o levantamento de campo, técnica que proporciona o conhecimento direto da realidade “pela obtenção de dados confiáveis” (ALMEIDA; BOTELHO, 2009, p. 94) e quantificáveis, sendo também viável no que diz respeito ao tempo e aos custos para aplicação. Questões de múltipla escolha foram combinadas com perguntas abertas, para que se pudesse aprofundar alguns dos aspectos abordados.

O questionário elaborado foi dividido em cinco sessões: caracterização da EJ, atuação da EJ no ensino, atuação da EJ na pesquisa, atuação da EJ na extensão e prestação de serviços. O pré-teste foi realizado com integrantes do MEJ e algumas questões de dúvida interpretação foram reformuladas ou excluídas.

Tendo em vista que o instrumento de pesquisa foi produzido em uma ferramenta gratuita on-line, o link foi enviado para os presidentes das empresas juniores fluminenses a partir do e-mail da Presidência da RioJunior. O questionário permaneceu ativo de 8 a 31 de março de 2018 e nesse período foram recebidas 27 respostas.

### **4. A ATUAÇÃO DAS EMPRESAS JUNIORES FLUMINENSES NO ENSINO, NA PESQUISA E NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

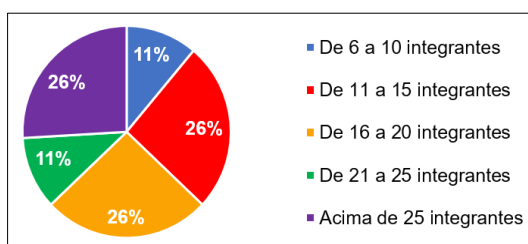


O Movimento Empresa Júnior chegou ao Rio de Janeiro em 1990, com a abertura da primeira EJ do estado, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJr., 2018). Outras empresas foram constituídas e em 1998 foi fundada a Federação das Empresas Juniores do Estado do Rio de Janeiro, a RioJunior, que atualmente possui 42 empresas federadas, englobando aproximadamente 3 mil empresários juniores de 14 universidades de todo o estado.

Em 2016, o Rio de Janeiro foi o estado brasileiro com o maior número de projetos executados por EJ, com uma média de 19 projetos (BRASIL JÚNIOR, 2017). Em 2017, foram realizados 1148 projetos que resultaram em um faturamento de 2,3 milhões de reais e em 180 micro e pequenas empresas beneficiadas com a prestação de serviços das EJs fluminenses (RIOJUNIOR, 2018).

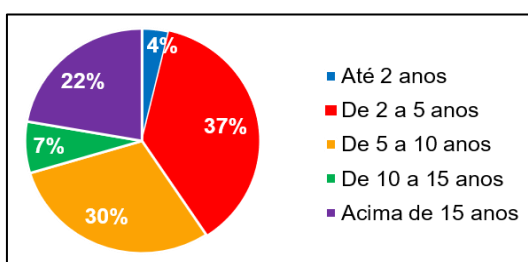
O contato com a Presidência da RioJunior possibilitou a obtenção dos dados de 27 EJs, uma amostra equivalente a 64% do total de federadas fluminenses.

A maioria das empresas, 26 delas, estão sediadas em universidades públicas, tanto estadual quanto federais. A formação é heterogênea, existindo nove empresas que estão vinculadas a apenas um curso, e as demais sendo formadas por dois ou mais cursos, sendo que uma delas abarca seis diferentes graduações. O Gráfico 1 apresenta a distribuição das EJs em relação ao número de integrantes.



**Gráfico 1:** Número de integrantes das empresas juniores.  
**Fonte:** dados da pesquisa.

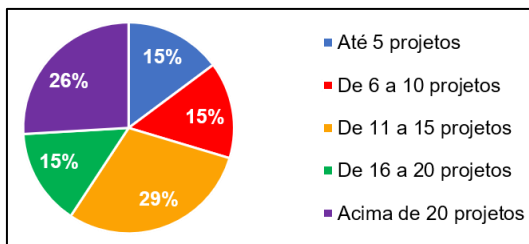
O tempo de atuação das empresas é desde um período inferior a 2 anos até mais de 15 anos de existência, conforme representado no Gráfico 2.



**Gráfico 2:** Tempo de atuação das empresas juniores.  
**Fonte:** dados da pesquisa.

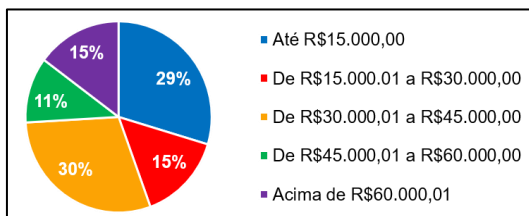
As EJs atuam em distintos segmentos, que vão de Alimentos e Bebidas e de Saúde até Geociências e Análise e Consultoria em Petróleo, concentrando-se em serviços de Engenharia, oito delas, e de Gestão Empresarial, nove delas.

A média de projetos e o faturamento também são heterogêneos. O Gráfico 3 contempla a distribuição das EJs quanto à média de projetos realizados ao ano.



**Gráfico 3:** Média de projetos realizados ao ano pelas empresas juniores.  
**Fonte:** dados da pesquisa.

Vale ressaltar que em todas as empresas juniores todos os integrantes podem realizar projetos externos, não havendo cargos dedicados exclusivamente à gestão interna da EJ. O faturamento, por sua vez, varia de menos de 15 mil reais em oito delas, ultrapassando os 60 mil reais em quatro delas, conforme representado no Gráfico 4.

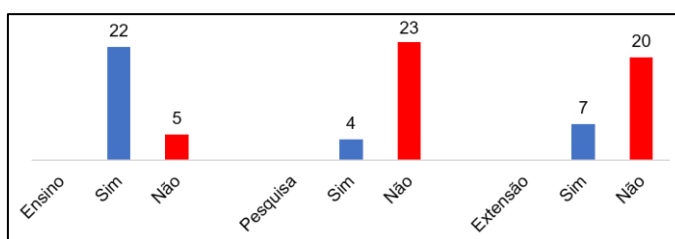


**Gráfico 4:** Média de faturamento anual das empresas juniores.  
**Fonte:** dados da pesquisa.

Em relação à prestação de serviços, a maioria segue metodologias desenvolvidas pela própria empresa júnior, seja um método padrão de acordo com o tipo de serviço, seja um método personalizado em conformidade com cada projeto contratado. Oito empresas atuam com metodologias desenvolvidas por outras EJs e duas adotam metodologias desenvolvidas e compartilhadas por consultorias seniores.

Não está difundido o hábito de transformar os projetos executados em relatos de experiências e estudos de caso, pois apenas dez registram seus projetos também nesses formatos. São empresas juniores que compartilham os trabalhos executados em aulas dos próprios cursos, em eventos acadêmicos na própria universidade ou em outra instituição de ensino superior, assim como em eventos do MEJ.

As três seções do questionário que abordavam cada pilar da tríade universitária iniciavam com a indagação sobre a existência de ações concernentes ao ensino, à pesquisa e à extensão no Planejamento Estratégico, ou outro planejamento formal. O Gráfico 5 representa as respostas obtidas.



**Gráfico 5:** Número de empresas juniores que possuem em seu planejamento estratégico ações direcionadas à tríade universitária – ensino, pesquisa e extensão.  
**Fonte:** dados da pesquisa.



No âmbito do ensino estão concentradas a maioria das práticas que as empresas juniores realizam além da prestação de serviços. Há no planejamento estratégico de 22 EJs a especificação de ações diretamente relacionadas ao ensino e 9 delas possuem grupos de estudos formados pelos próprios integrantes para se dedicarem a temas relacionados aos serviços prestados.

As empresas juniores realizam, por exemplo, participações em aulas para apresentar assuntos relacionados aos serviços; atendimento a membros da comunidade acadêmica que contactam a EJ para conhecer sobre determinado serviço com o qual ela atua; promoção de palestras e de cursos para membros da comunidade acadêmica. A Tabela 1 apresenta o que as EJs têm realizado para contribuir com o ensino na universidade.

**Tabela 1:** Ações realizadas pelas empresas juniores no âmbito do ensino.

<b>Ação realizada</b>	<b>Número de EJs</b>	<b>Proporção</b>
Participação em aulas	6 EJs	22%
Promoção de palestras	21 EJs	78%
Promoção de cursos	21 EJs	78%
Atendimento a discentes	21 EJs	78%
Não realiza qualquer ação	1 EJ	4%

**Fonte:** dados da pesquisa.

Além disso, no prazo de até um ano, 17 empresas juniores pretendem implementar novas ações relacionadas ao ensino, geralmente voltadas para a oferta de palestras, workshops e cursos para alunos de toda a comunidade acadêmica, não apenas oferecidos por membros da própria EJ como também facilitados por outros estudantes e profissionais parceiros.

Em relação à pesquisa, a maioria das EJs, 23 delas, não possui ações estabelecidas em planejamento estratégico que são direcionadas para este pilar da tríade universitária.

Das EJs participantes deste estudo, 17 afirmam não executar qualquer atividade diretamente relacionada ao âmbito da pesquisa. As outras 20 empresas realizam diferentes ações relacionadas à pesquisa, sendo elas a participação em pesquisas realizadas na própria universidade ou conduzidas por alguma entidade representativa do MEJ, a atuação em grupos de pesquisa já constituídos na instituição de ensino e formação de grupos de pesquisa dentro da própria EJ, no sentido de se dedicarem aos estudos de algum tema ou serviço específico. As atividades realizadas e o respectivo número de EJs envolvidas em cada uma delas estão descritos na Tabela 2.

**Tabela 2:** Ações realizadas pelas empresas juniores no âmbito da pesquisa.

<b>Ação realizada</b>	<b>Número de EJs</b>	<b>Proporção</b>
Atuação de membros da EJ em grupos de pesquisa da universidade	2 EJs	7%
Participação em pesquisas conduzidas pelo MEJ	4 EJs	15%
Participação em pesquisas da própria universidade	5 EJs	18%
Formação de grupo de pesquisa interno à EJ para aprofundar os estudos sobre os serviços prestados	5 EJs	18%
Não realiza qualquer ação	17 EJs	63%

**Fonte:** dados da pesquisa.

O levantamento sobre o percurso profissional dos egressos da EJ e o impacto da participação no MEJ em suas carreiras é feito por dez empresas. Os dados mostram que, em geral, os pós-juniores conseguem se inserir no mercado em menos tempo e em oportunidades melhores do que os dos demais colegas de curso, inclusive alcançando cargos de destaque e atuando em organizações multinacionais.





Algumas EJs relatam que tentaram realizar projetos de pesquisa junto à instituição de ensino, mas que tais iniciativas ainda não se concretizaram, enquanto outras já atuaram nesse âmbito, mas atualmente não estão envolvidas com qualquer projeto de pesquisa. Apenas uma EJ afirmou que, atualmente, trabalha com docentes no desenvolvimento de projetos de pesquisas, especificamente, na área de Data Science.

Somente cinco EJs pretendem implementar ações que contribuam para o âmbito da pesquisa num prazo de até um ano e duas EJs no período de um a dois anos. Algumas dessas ações seriam, por exemplo, a participação em projetos já iniciados por docentes da área em que atuam ou a transformação dos grupos de estudos internos em grupos de pesquisa. Neste caso, com o acompanhamento de docentes qualificados para orientarem no desenvolvimento de investigações relacionadas aos serviços prestados pela EJ.

Nenhuma das empresas pesquisadas possui parceria com docentes ou núcleos de pesquisa a ponto de possuírem resultados estruturados sobre as contribuições da EJ para a instituição de ensino e para a comunidade externa.

No que tange ao terceiro pilar da tríade universitária, 18 EJs são consideradas atividades de extensão em suas respectivas universidades.

Em relação ao planejamento estratégico das empresas juniores participantes deste estudo, somente 7 possuem ações direcionadas especificamente à extensão.

Algumas EJs atuam com a promoção de palestras e de cursos para a comunidade externa à universidade, desenvolvem projetos para capacitação profissional e para assistência e promoção social ou atuam em projetos já existentes e coordenados por alguma entidade externa à instituição de ensino superior. Algumas ações foram, por exemplo, consultorias gratuitas para microempresas, assim como treinamentos gratuitos em um projeto promovido pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro. A Tabela 3 relaciona as atividades empreendidas no que concerne à extensão universitária.

**Tabela 3:** Ações realizadas pelas empresas juniores no âmbito da extensão.

<b>Ação realizada</b>	<b>Número de EJs</b>	<b>Proporção</b>
Atuação em projetos já existentes na comunidade externa	5 EJs	18%
Desenvolvimento de projetos para assistência e promoção social	9 EJs	33%
Desenvolvimento de projetos para capacitação profissional	11 EJs	41%
Promoção de cursos	12 EJs	44%
Promoção de palestras	16 EJs	59%
Não realiza qualquer ação	7 EJs	26%

**Fonte:** dados da pesquisa.

Doze EJs pretendem implementar ações direcionadas à extensão em até um ano e uma EJ no período de um a dois anos. Todavia, catorze EJs não possuem qualquer iniciativa referente a este âmbito. Dentre as que planejam alguma implementação, ações sociais e consultorias gratuitas são as ideias recorrentes. Mas há também uma empresa júnior que ainda não é considerada atividade de extensão na respectiva universidade e que já está tomando medidas para modificar esse cenário, o que demonstra o interesse dos membros em fazer com que a EJ seja reconhecida como extensão.

Considerando as informações apresentadas, é possível constatar que as empresas juniores estudadas não estão focadas exclusivamente na prestação de serviços para o mercado, pois realizam diferentes ações pertinentes tanto ao ensino, quanto à pesquisa e à extensão universitária.



Sendo assim, críticas que circulam pelo ambiente acadêmico e posicionamentos até mesmo contrários à existência das empresas juniores, especialmente em universidades públicas, devem ser repensados. Os integrantes não se dedicam exclusivamente à execução de projetos remunerados e não são os únicos que se desenvolvem ao participarem do MEJ. Além de pequenas e médias empresas que contratam os serviços por valores mais acessíveis, toda a comunidade pode ser beneficiada de acordo com as práticas realizadas pelas EJs que estão inseridas no seu ambiente.

De qualquer maneira, ainda há muito o que pode ser feito pelas EJs, visto todos os benefícios que possuem por estarem vinculadas às universidades e todo o potencial que seus integrantes apresentam durante a experiência de empresários juniores.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou conhecer as práticas adotadas por empresas juniores fluminenses no que diz respeito ao ensino, à pesquisa e à extensão universitária.

O Censo e Identidade 2016 da Brasil Júnior apresenta a questão “O empresário júnior é capaz de transformar o Brasil?”. Diante dos resultados alcançados pelo MEJ brasileiro nos últimos anos, é possível afirmar que essa capacidade existe.

Contudo, pensando sobre o âmbito local, indaga-se: o empresário júnior está engajado em transformar, primeiramente, a instituição de ensino que abriga a sua própria empresa júnior?

Os resultados aqui obtidos demonstram que, em relação ao contexto fluminense, ações têm sido realizadas contemplando os três pilares da tríade universitária. Desse modo, as empresas juniores têm contribuído tanto para a formação e o desenvolvimento de seus integrantes, quanto para o desenvolvimento de toda a comunidade acadêmica e da comunidade externa.

As EJs têm realizado diversas ações para além da prestação de serviços, principalmente, direcionadas ao ensino. A extensão também é um pilar recorrentemente considerado, inclusive pelo fato de algumas empresas serem consideradas projetos de extensão nas universidades em que estão sediadas.

Entretanto, é importante pontuar o distanciamento existente entre as EJs e o pilar da pesquisa. Os empresários juniores, assim como outros universitários, tendem a associar a pesquisa exclusivamente à carreira acadêmica, como se não fosse possível conciliá-la com outras atividades e perspectivas de trajetória profissional ou como se a pesquisa não proporcionasse a geração de conhecimento que poderá ser útil para a própria empresa júnior.

O estudo amplia a discussão sobre a atuação das EJs para além dos impactos na formação dos próprios empresários juniores, oferecendo informações sobre as diferentes iniciativas relativas à tríade universitária empreendidas no estado do Rio de Janeiro.

Além disso, pode ser considerado o primeiro passo para a construção de um índice de aderência das EJs às atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária, de modo que novas investigações sejam realizadas, contemplando outros estados e suas respectivas Federações.

## REFERÊNCIAS

**ALMEIDA, Alda Rosana; BOTELHO, Delane.** Construção de questionários. In.: BOTELHO, Delane; ZOUAIN, Deborah M. (Orgs.). Pesquisa quantitativa em administração. São Paulo: Atlas, 2009, pp. 90-108.

**BERNHEIM, Carlos Tünnerman; CHAUI, Marilena Souza.** Desafios da universidade na sociedade do conhecimento: cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior. Brasília: UNESCO, 2008. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001344/134422por.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2018.



**BRASIL.** Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 29 mar. 2018.

**BRASIL JÚNIOR – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS JUNIORES.** Censo e Identidade 2016. Brasil Júnior, 2017. Disponível em: <<https://brasiljunior.org.br/conheca-o-mej>>. Acesso em: 7 abr. 2018.

**CARVALHO, Ronaldo de.** A importância da empresa Juniores de publicidade na empregabilidade de seus alunos: um estudo de caso. 2003, 120 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/86599/197119.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

**CRESWELL, John W.** Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

**DIAS, Thales Ponciano Pinheiro.** A formação do Administrador e o papel da Empresa Júnior: caso FGV/EAESP. 2016, 89 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/16643/Dissertac%CC%A7a%CC%83o%20Thales%20Dias.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

**FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque.** A universidade brasileira em busca de sua identidade. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. Universidade e poder. Análise crítica/fundamentos históricos: 1930-45. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

**GIL, Antônio Carlos.** Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª Edição. São Paulo: Atlas, 2008.

**JADE – EUROPEAN CONFEDERATION OF JUNIOR ENTERPRISES.** The JE Network. Bruxelas, 2018. Disponível em: <<http://www.jadenet.org/the-je-network/>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

**JUNKES, Patrícia Natale; ROSAURO, Diego Zen; BENKO, Fernando de Souza.** Olhar crítico sobre a gestão das empresas juniores. In: MORETTO NETO et al. (Orgs.). Empresa Júnior: espaço de aprendizagem. Florianópolis: [s.n.], 2004, pp. 29-163.

**LAUTENSCHLAGER, Flaviana Barcelini.** Percepção dos graduandos sobre o desenvolvimento de competências em uma Empresa Júnior de Psicologia. 2009, 119 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/92411/262969.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

**LEWINSKI, Sandra Moreira et al.** Contribuição da Empresa Júnior para desenvolvimento das competências necessárias a formação de Engenheiros de Produção. In: Anais XVI Simpósio de Engenharia de Produção, Bauru/SP, 2009. Disponível em: <[http://pg.utfrpr.edu.br/dirppg/ppgep/ebook/2009/CONGRESSOS/Nacionais/2009%20-%20SIMPEP/XVI\\_SIMPEP\\_Art\\_5\\_a.pdf](http://pg.utfrpr.edu.br/dirppg/ppgep/ebook/2009/CONGRESSOS/Nacionais/2009%20-%20SIMPEP/XVI_SIMPEP_Art_5_a.pdf)>. Acesso em: 23 mar. 2018.

**MARQUES, Rafaela de Almeida Campos.** Empresa Júnior: espaço para construção de competências. 2012, 185 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/11975/1/d.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

**MATOS, Franco de.** A empresa júnior no Brasil e no mundo: o conceito, o funcionamento, a história e as tendências do movimento EJ. São Paulo: Martin Claret, 1997.

**MAZZILLI, Sueli.** Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, Goiânia, v. 27, n. 2, 2011, pp. 205-221. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/24770/14361>>. Acesso em 7 abr. 2018.

**PIVETTA, Hedioneia Maria Foletto et al.** Ensino, pesquisa e extensão universitária: em busca de uma integração efetiva. Linhas Críticas, Brasília, v. 16, n. 31, 2010, pp. 377-390. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/3028/2628>>. Acesso em 7 abr. 2018.

**RIOJUNIOR – FEDERAÇÃO DE EMPRESAS JUNIORES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.** Quem somos. Rio de Janeiro: RioJunior, 2018. Disponível em: <<http://www.riojunior.com.br/index.php/o-caldeirao/>>. Acesso em 7 abr. 2018.



SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA

**XVSEGET**

**Indústria 4.0**  
e o uso de tecnologias digitais

30, 31/10  
e 01/11



**SANGALETTI, Cristhini; CARVALHO, Gustavo.** Introdução ao Movimento Empresa Júnior. In: MORETTO NETO et al. (Orgs.). Empresa Júnior: espaço de aprendizagem. Florianópolis: [s.n.], 2004, pp. 15-27.

**SENADO FEDERAL.** Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: <[http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf)>. Acesso em: 14 abr. 2018.

**UFRJr.** – NÚCLEO DE EMPRESAS JUNIORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. O MEJ. Rio de Janeiro: UFRJr., 2018. Disponível em: <<http://www.ufrjunior.ufrj.br/o-mej/>>. Acesso em: 7 abr. 2018

**UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Higher Education in the Twenty-first Century: Vision and Action. Paris: UNESCO, 1998. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001163/116345e.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

**VALE, Mariene Alves do; CÂNDIDO, Ana Clara; ANDRADE, Antônio Rodrigues de.** Contribuições de empresas juniores para o ensino universitário. Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação, v. 4, n. 2, 2017, pp. 58-76. Disponível em: <<http://abecin.org.br/portalderevistas/index.php/rebecin/article/view/96/pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

Agradecemos à Marcella Aguiar Silva, Presidente Executiva da Gestão 2018 da RioJunior - Federação das Empresas Juniores do Estado do Rio de Janeiro, pelo envio dos questionários para os presidentes das empresas juniores federadas.